

Notas e informações

A revanche do mercado

O governo conta, angustiado, os dias que nos separam das eleições de 15 de novembro. Não se dispõe a fazer, entremeditando, nada de realmente sério, no sentido de atender aos problemas resultantes de sua política econômica irrealista, sente que as dificuldades se vão tornando insuportáveis. Estes últimos oito meses de artificialismo e desacato às leis do mercado deixam à mostra os graves equívocos cometidos. O mercado oprimido vinga-se hoje, e o governo, impotente, tem de curvar-se ante a situação de fato, que a trégua eleitoral torna ainda mais candente.

O sonho da inflação zero acabou. Os índices oficiais, às vésperas do pleito, configuram uma inflação cujos assustadores resultados o governo procura camuflar. Uns falam em 2% em trinta dias, outros mencionam valor bem mais alto, mas a dramaticidade da situação ressalta com nitidez quando se considera que, com o congelamento dos preços das mercadorias e das tarifas dos serviços públicos, já se delineia uma taxa anual de inflação entre 27 e 42%. Se a inflação, com os preços congelados, já transpõe a marca de 2% ao mês, a que nível se alçará no dia — não muito distante, certamente — em que alguns preços forem reajustados, mesmo que voltem, em seguida, a ser de novo congelados? O levantamento dos preços não pode desconsiderar, indefinidamente, a realidade dos fatos: enquanto seja ainda possível, embora difícil, encontrar alguns açougueiros vendendo a preço de tabela a carne importada, não é mais possível tapar o sol com a peneira e negar o fato de que os preços dos serviços — de encanadores a cabeleireiros — vêm sen-

do reajustados todos os dias. Aliás, o mesmo se observa quanto ao valor dos novos alugueis, que estão levando ao desespero os casais recém-constituídos. A cada dia fica mais evidente que, sem mercado verdadeiramente livre, os preços, sem bases reais, sobem muito mais do que subiriam se resultassem do livre jogo do mercado. A ausência de mercado é fator de elevação da taxa de inflação. Já seria hora de o governo o reconhecer.

As taxas de juros, que em uma semana subiram 20 pontos de porcentagem refletem, sem dúvida alguma, a propensão dos investidores, que não estão fixados na inflação de hoje, que ainda encaram com suspeita, mas pensam, sim, na inflação de amanhã. Quando se deduz o imposto pago e se considera que a renúncia ao consumo custa mais hoje do que custava há nove meses, comprehende-se que as taxas de juros não são tão altas quanto se diz.

O presidente do Banco Central, sr. Fernando Bracher, teve, pelo menos, a coragem de responder por essas taxas, com o que fez, certamente, muitos inimigos na roda ministerial. Bem sabe ele que a economia, para funcionar, tem de voltar ao mercado e que não pode viver apenas de consumo, mas, necessita, sobretudo, de poupança. Como nós, certamente ele lamenta que, com este desvirtuamento do jogo de oferta e procura em que os índices oficiais ficam sob suspeição e em que a inércia pré-eleitoral impede o descerramento geral dos dados econômicos, o mercado vai à forra, avançando mais do que o faria no regime de efetiva liberdade.

A revanche do mercado patenteia-se também, dramaticamente, no campo do comércio internacional. Porque se plasmou uma economia artificial, no tocante ao nível da demanda como aos preços, sobrevém um brusco desmantelamento da balança comercial. As exportações estão minguando, e não apenas por causa do protecionismo norte-americano, enquanto as importações estão crescendo, apesar de todas as "operações-tartarugas" que a Cacex tem de promover para que a explosão da verdade não se dê cedo demais. Mas, com isso, as reservas vão escasseando a toque de caixa, a uma velocidade que começa a lembrar o período subsequente à II Guerra Mundial, a ponto de forçar o Banco Central a tomar certas medidas indispensáveis à segurança dos exportadores e importadores, mas cujo ônus financeiro uma desvalorização cambial, em tempo oportuno, poderia ter neutralizado. Mais uma vez o governo tem de reconhecer que, por haver procurado inibir o livre jogo do mercado, este perpetra agora sua vihgança, descobrindo brechas na forte muralha do intervencionismo estatal, como bem se vê pelas taxas do mercado paralelo.

A pressão é tão grande que o governo não poderá prostrar ponderáveis medidas corretivas. Esperamos que, diante da sedição do mercado, ceda às exigências deste, que é base da vida econômica. Se ficar pela metade a ação corretiva, a situação irá piorar. Hoje faltam caixões para enterrar os mortos. Esperamos apenas que o número das mortes causadas por aqueles que não acreditam no mercado não aumente de mais nestes próximos meses...